

5

Educação Permanente na Vida de Pessoas

Idosas

Frequentadoras do Sesc São Paulo

[Artigo 5, páginas de 68 a 85]





Sandra Carla Sarde Mirabelli

Graduada em serviço social e pós-graduada em gestão de políticas públicas e terceiro setor na Instituição Toledo de Ensino (Bauru), mestra em gerontologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e doutoranda em serviço social na mesma universidade. Participa do Conselho Estadual de Assistência Social e trabalha como assistente técnica da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo.
sandracarlamirabelli@gmail.com

Suzana Carielo da Fonseca

Graduada em fonoaudiologia, mestra e doutora em linguística aplicada e estudos da linguagem na PUC/SP. Foi coordenadora, por dois mandatos consecutivos, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia na PUC/SP. Atualmente é fonoaudióloga clínica, atuando em consultório particular e na Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da PUC/SP, onde também é assistente-doutora. Atua, principalmente, com afasia, clínica da linguagem, velhice, clínica fonoaudiológica e gerontologia.
suzanafonseca30@gmail.com



RESUMO

Neste artigo, o ponto de partida é de que a educação permanente pode ser um instrumento fundamental para criar e/ou manter condições que favoreçam, de modo contínuo, a atualização de potencialidades vitais. O objetivo foi investigar a capacidade de diálogo do programa Trabalho Social com Idosos (TSI), do Sesc São Paulo, com o contexto social no qual se insere e o impacto das ações socioeducativas na vida das pessoas idosas que frequentam o Sesc. A metodologia de pesquisa contou com uma revisão bibliográfica sobre o tema, articulada a uma pesquisa de campo de estudo de casos múltiplos, com dados coletados em três unidades do Sesc São Paulo: Bauru, Consolação e Itaquera. Os resultados da análise apontam para um impacto altamente positivo das atividades socioeducativas do TSI na vida das pessoas idosas. No âmbito das atividades grupais, defendemos que se amplie a dimensão da dialogicidade por meio de ações que favoreçam as pessoas idosas a escutarem-se ou a escutarem, na própria voz, sua experiência de envelhecimento, contribuindo para desmistificar, nos discursos que circulam socialmente, a representação dicotômica sobre a velhice. Entendemos que a inclusão deste saber intuitivo nas práticas pode contribuir para o enfrentamento do preconceito etário nas sociedades globalizadas.

Palavras-chave: educação permanente; ações socioeducativas; envelhecimento; velhice; gerontologia.

ABSTRACT

In this article, the starting point is that continuing education can be a fundamental instrument for creating and / or maintaining conditions that permanently favor the actualization of vital potentials. Its objective was to investigate the dialogue capacity of the Social Work with the Elderly Program (TSI), of Sesc São Paulo, with the social context in which it is inserted, and the impact of socio-educational actions on the lives of elderly people attending Sesc. The research methodology included a literature review on the subject articulated with a field research of multiple case studies, data collected in three Sesc São Paulo Units: Bauru, Consolação and Itaquera. The results of the analysis point to the highly positive impact of IST socio-educational activities on the lives of older people. Within the scope of group activities, which broadens the dimension of dialogicity, actions that favor older people to listen or listen in their own voice to their aging experience, contributing to demystify, in the discourses that circulate socially, the dichotomous representation about old age. We understand that the inclusion of this intuitive knowledge in practices can contribute to the confrontation of age prejudice in globalized societies.

Keywords: permanent education; socioeducational actions; aging; old age; gerontology.

INTRODUÇÃO

Certamente, a maioria das pessoas concorda com a afirmação de que a educação **é fundamental**, pensando principalmente na preparação das novas gerações no que se refere à busca de emprego e à necessidade do desenvolvimento de novas tecnologias para assegurar um futuro promissor para as sociedades. Mas, tendo em vista o avanço do envelhecimento populacional global, qual **é** a relação da educação com a velhice?

Na perspectiva em que se situa atualmente o contexto educacional, os processos não formais e informais ganham destaque (aqueles que acontecem no âmbito das interações sociais cotidianas). Vale considerar a heterogeneidade marcante do grupo populacional idoso, o que nos leva a assinalar que interesses educacionais muito diversos podem estar em causa.

Assumir que a educação é processo que se realiza ao longo da vida é premissa que, sem dúvida, traz à luz a exigência da articulação entre os campos da gerontologia, da educação e do serviço social. Assim, colocamos em relevo o fato de que o serviço social é uma profissão interventiva que tem como um de seus princípios fundamentais a defesa dos direitos humanos. Yamamoto (2005, p. 20) considera que:

[...] um dos maiores desafios que o assistente social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano.

Neste sentido, entende-se que seja necessário estarmos atentos aos processos de transformação global e mais especificamente àquele que a população brasileira vem passando, contexto atualmente caracterizado por perdas de direitos e alterações significativas devido ao processo de envelhecimento demográfico em curso.



Vale considerar a heterogeneidade marcante do grupo populacional idoso, o que nos leva a assinalar que interesses educacionais muito diversos podem estar em causa.

Artigo 5Educação Permanente na Vidas de Pessoas
Idosas Frequentadoras do Sesc São Paulo

O rápido envelhecimento populacional tem profundas implicações, trazendo importantes desafios para os indivíduos que envelhecem e as sociedades nas quais se encontram. Esse crescimento tem pressionado gestores e reclamado políticas sociais especificamente voltadas para a velhice; políticas que assegurem direito à vida, à saúde, à cultura, à educação, ao esporte, ao lazer, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. A efetivação dessas políticas, com certeza, criará dispositivos para que, cada vez mais, se possa viver em uma sociedade na qual as pessoas idosas serão menos excluídas e possam existir com mais dignidade.

Reconhecendo a importância deste tema, nos propusemos a realizar este estudo, com atenção especial voltada à perspectiva da educação permanente como possibilidade de atender e apoiar a pessoa idosa para que ela mantenha sua capacidade de reflexão, acreditando que contribui para a efetividade do fazer e decidir por si própria com independência e autonomia, conectando-se com um mundo que se transforma constantemente.

Freire (2014b, p. 51) afirma que “[...] não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. Ele enfatiza que educar é despertar as pessoas para a emancipação. Cabe destacar que, de acordo com esse autor, a educação envolve um movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer, um dos pressupostos aqui assumidos, pensando na educação como instrumento que impulsiona a transformação subjetiva e social.

Sabe-se que o Sesc São Paulo é pioneiro no que diz respeito a propostas de trabalho junto ao segmento populacional idoso. Data de 1963 os seus primeiros movimentos nesta direção. Naquela época, o foco estava voltado para a interação social e a ocupação do tempo livre pelos aposentados:

[...] os primeiros Grupos de Convivência de Idosos do Sesc de São Paulo caracterizaram-se fundamentalmente pelas atividades sociais, esportivas e recreativas, com uma programação que oferecia aos idosos uma série de oportunidades descontraídas para a socialização: jogos de salão, gincanas, animações musicais dançantes, bailes, passeios – trazendo como benefício a sensação de bem-estar físico e emocional decorrente dessas atividades (Sesc, 2003, p. 46).

Note-se que, se no início, o centro das ações no Sesc era a sociabilização, mas, com o tempo, e como fruto das ações realizadas, introduziu-se gradativamente a necessidade de se articularem questões que entrelaçavam, além de lazer, também educação e envelhecimento. O foco das atividades propostas pela instituição é socioeducativo e cultural. É exatamente essa configuração atual que inspirou Mirabelli (2016) a realizar uma pesquisa voltada para tal temática. Isso porque, no Sesc São Paulo, a educação é entendida como cultura, um valor que permeia e permanece em todos os programas desenvolvidos pela instituição. Nas palavras do diretor regional do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda (2015)¹:

[...] a cultura é vista como ferramenta de mudança, transformação, protagonismo e valorização das pessoas e da sociedade. A cultura representa todo o acúmulo e conhecimento da capacidade humana de criar, inventar e fazer. A ação efetivamente tem que ser educativa. A ação do Sesc, muito mais do que nas suas descrições, tem assumido na prática uma perspectiva educativa. A presença da educação na questão do lazer, do tempo livre e depois da cultura é um desdobramento natural do entendimento de que o nosso papel como instituição de ação educativa se daria no caráter permanente da educação e não no caráter regular, escolar. Por isso, nossa conexão muito presente no mundo da cultura, como a grande ferramenta de transformação e mudança, sobretudo na dimensão da cultura como educação. É a arte a serviço de uma missão educativa. Para nós, mais do que uma diretriz estratégica propriamente dita, embora faça parte, é uma diretriz mais tática, mais prática, mais objetiva. O que significa dizer que as nossas unidades vão buscar, através de sua ação e da orientação dada nacionalmente, uma atividade prática no mundo das artes que tenha conexão com a educação que tenha conexão com compromissos que vão além da questão estética, que é fundamental, mas que não se esgota em si mesmo, vai além.

O entrelaçamento entre educação, cultura e sociedade norteiam os modernos debates sobre políticas educacionais, materializados no texto inicial da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.²

¹ Entrevista concedida ao site blogacesso.com.br/?p=30.

² Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

3 “[...] a evolução da educação através das diferentes civilizações, nos ensina que o ‘conteúdo real desse ideal’ variou sempre de acordo com a estrutura e as tendências sociais da época, extraindo a sua vitalidade, como a sua força inspiradora, da própria natureza da realidade social.”

De fato, desde o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, de 1932, sabemos que as bases ideológicas e científicas da formação humana precisam ser reavaliadas de tempos em tempos³, pois a vitalidade de um projeto educativo vem da sua capacidade de diálogo com a sua realidade social.

Em São Paulo, o Sesc realiza um trabalho de ação sociocultural complementar ao sistema educativo formal, priorizando a implantação de uma política de educação não formal com esse viés. Atuando nos campos da cultura, do lazer, da saúde, da assistência e da ação comunitária, a instituição desenvolveu um programa amplo e integrado de educação, cujas raízes estão firmadas em acordos mundiais que se fundamentam na humanização da educação.

Apresentada nas reflexões de Freire (1997, p. 9-32), entende-se por humanização da educação:

[...] quanto mais conhecer, criticamente, as condições concretas, objetivas, de seu aqui e de seu agora, de sua realidade, mais poderá realizar a busca, mediante a transformação da realidade [...] Quanto mais inserido, e não puramente adaptado à realidade concreta, mais se tornará sujeito das modificações, mais se afirmará como um ser de opções. Dessa forma, o objetivo básico de sua busca, que é o ser mais, a humanização, apresenta-se-lhe como um imperativo que deve ser existencializado.

Portanto, a relevância da reflexão que encaminhamos aqui pode estar no fato de que ele aborda a articulação entre envelhecimento e educação (entendida como um processo permanente) a partir da transversalidade dos pressupostos que fundamentam a área do serviço social, da educação e da gerontologia com os saberes dos sujeitos idosos. Espera-se que ela possa ampliar e aprofundar o conhecimento existente no campo dos estudos gerontológicos, contribuindo para a sólida fundamentação de programas socioeducativos voltados para o segmento idoso.

EDUCAÇÃO NA VELHICE: PROCESSO CONTÍNUO E EMANCIPATÓRIO

Inicia-se esta reflexão adotando Paulo Freire como autor de referência na área da educação para discutir a proposição a que fizemos referência na introdução deste trabalho. Essa escolha se deve pelo fato de que ele propõe que a educação seja pensada como um processo permanente que se traduz como meio para a emancipação humana. Nessa perspectiva, educação resulta em transformação social, já que envolve uma dupla

dimensão: política (leitura de mundo) e gnosiológica (leitura da palavra, dos conceitos, das categorias, das teorias, das disciplinas, das ciências, das elaborações humanas). Sua proposta coloca em relevo a mutualidade determinante, no processo educativo, dos sujeitos (educandos e educadores) e/em seu contexto histórico e social.

Para o autor, a educação deveria ser um processo no qual um ser humano parte do que é para transformar-se no que ele quer ser. Mas, nem toda prática educativa é transformadora nesse sentido. Na sua ótica, há um número grande de propostas educativas que podem ser resumidas em duas perspectivas básicas, quais sejam: uma, que ele chamou de “bancária”, favorece uma condição de alienação o que, por pressuposto, condiz com dominação e opressão. Tal vertente é desumanizante porque fundada numa perspectiva de que educação é submissão. Parte-se do pressuposto que a realidade é estática, compartimentada, tem uma visão de sujeito acabado, conclusivo, passivo, bem-comportado. Tal proposta, segundo Freire, inibe o poder criador dos educandos, camuflando sua capacidade de reflexão acerca das contradições e conflitos emergentes do cotidiano, com o objetivo de manter a reprodução da consciência ingênua, da acriticidade.

Contrapondo-se a essa tendência, a “educação libertadora” faz com que as pessoas se tornem mais conscientes, livres e humanas. Nela, o que está em causa é uma relação intrínseca entre teoria e prática:

[...] na perspectiva do educador pernambucano, a educação é também dialógico-dialética, porque é uma relação entre educando, educador e o mundo, no círculo de cultura [...] é ainda práxis, isto é, uma profunda interação necessária entre prática e teoria, nesta ordem [...] a prática precede e se constitui como princípio fundante da teoria. Esta, por sua vez, dialeticamente, dá novo sentido à prática, especialmente se for uma teoria crítica, ou seja, resultante de uma leitura consciente do mundo e de suas relações naturais e sociais (Streck, Redin & Zitzoski, 2010, p. 134).

Outro fundamento da reflexão freireana, igual em importância à relação dialética teoria-prática, se traduz pela seguinte afirmação:

Homens e mulheres, ao longo da história, vimo-nos tornando animais deusas especiais: inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como inconclusos, limitados, condicionados, históricos (Freire, 1994, p. 100).

Artigo 5Educação Permanente na Vidas de Pessoas
Idosas Frequentadoras do Sesc São Paulo

Assim, para o autor, a educação (e, principalmente, a educação de adultos) deve ser entendida como um processo contínuo e emancipatório. Tal proposição nos conduz a pensar que o trabalho educativo deve preconizar a insubordinação, a curiosidade, o diálogo e a capacidade crítica dos educandos, pautado em atividades que não são impostas, mas antes construídas e reconstruídas pelos próprios sujeitos, o que constituiria, na sua ótica, uma verdadeira aprendizagem.

Em 1979, no livro *Educação e Mudança*, Freire já afirmava que a educação deveria considerar tanto a vocação do homem para ser sujeito como as condições em que ele vive: um exato lugar, um exato momento, um determinado contexto. Isso porque, para ele, as relações e interações contextuais influenciam o sujeito de tal modo que atravessam sua capacidade de criação, recriação, decisão e geração de construções coletivas. Portador de experiências já incorporadas na sua história de vida, ele precisa responder às estruturas sociais do seu tempo, aos desafios de seu contexto vital. Nesse sentido, precisa preparar-se, refletindo sobre ele e com ele se comprometendo. Trata-se, como o autor deixa claro em 2001, de aprendizagem possível para qualquer pessoa, de qualquer idade:

Crianças e adultos se envolvem em processos educativos de alfabetização com palavras pertencentes à sua experiência existencial, palavras grávidas de mundo. [...] Isto significa ser o ser humano, enquanto histórico, um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente de sua inconclusão. Por isso, um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo (Freire, 2001, p. 16).

No conjunto do pensamento de Freire encontra-se a ideia de que tudo está em permanente transformação e interação. Essa concepção ampla de educação visa o desenvolvimento integral do ser humano e implica pensar que a construção de conhecimentos se realiza em espaços que ultrapassam aqueles classicamente consagrados para tal, as instituições educacionais. Note-se aí uma dupla ampliação de olhar: aprender é algo que se estende para além da infância e do espaço escolar, e o aprendiz é alguém que protagoniza o processo educativo.

Outro ponto fundamental é a questão da interdisciplinaridade como enfoque teórico-metodológico no enfrentamento da fragmentação de saberes. Campos diversos da ciência – tais como, educação, servi-

ço social e gerontologia – têm se articulado em torno da questão que envolve a educação permanente. A interdisciplinaridade resulta do diálogo teórico entre campos disciplinares com vistas à melhor compreensão de uma dada realidade, portanto entende-se que pressupostos que fundamentam os saberes construídos nos campos da educação e do serviço social possam/devam ser movimentados no campo da gerontologia, levando em conta que:

[...] a concepção da proposta interdisciplinar no âmbito da gerontologia leva em consideração que a mesma se constitui em uma área de conhecimento científico vocacionada para o estudo sobre o envelhecimento e a velhice, fenômenos estes de caráter biopsicossocial e subjetivo. A interdisciplinaridade se destaca como eixo articulador, numa rede infinita de relações, que se manifestam em diferentes graus de complexidade, favorecendo a real integração do conhecimento, o que é válido especialmente para a gerontologia (Lodovici & Silveira, 2011, p. 299).

O conhecimento interdisciplinar, para Fazenda (2008), é concebido nas dimensões do sentido (saber), da funcionalidade (saber-fazer) e da intencionalidade (saber-ser), requerendo da prática profissional diferentes cuidados para que os saberes sejam adequadamente produzidos na interação educador-educando, de tal forma que se possa perceber coerência entre o que se diz e o que se faz.

A autora atenta para o fato de que a trilha interdisciplinar caminha no seguinte sentido: do ator ao autor de uma história vivida e de uma ação conscientemente exercida a uma elaboração teórica duramente construída.

Note-se que não é tarefa das mais fáceis encaminhar uma abordagem interdisciplinar. Contudo, Mercadante & Brandão (2009, p. 102) assinalam:

[...] a complexidade não deve ser vista como dificuldade, uma “desculpa” para as ações transformadoras, e sim considerada como um desafio a ser enfrentado por todos, mesmo que as transformações sejam pequenas e lentas diante de inúmeras necessidades de todos os segmentos da sociedade.



(...) não há prática interdisciplinar sem ser coletiva. Esse movimento necessita de conexão, troca, sintonia, consistência, comprometimento profissional para a construção de uma sociedade mais humana.

Diante desse quadro, Lodovici & Silveira (2011, p. 293) ressaltam que:

[...] torna-se, assim, relevante a ideia de que o mundo não é uma soma-tória de fenômenos isolados, mas se constitui de infinitas possibilidades de ações interativas. As situações e fatos vividos não são excludentes, mas resultam da diversidade das inter-relações entre componentes culturais, linguísticos e outros que caracterizam a realidade em todas as suas dimensões.

Entende-se ainda que não há prática interdisciplinar sem ser coletiva. Esse movimento necessita de conexão, troca, sintonia, consistência, comprometimento profissional para a construção de uma sociedade mais humana. Na gerontologia, no serviço social ou na educação, os saberes especializados podem/devem ser mobilizados numa articulação que dialogue com as demandas específicas de tais práticas junto a pessoas idosas. Temos aqui uma questão que atravessa os três campos, qual seja, a educação de pessoas idosas.

Sabe-se que há uma articulação entre saberes que, na prática, quando implicada na educação de pessoas idosas, tende a diluir fronteiras entre a educação, o serviço social e a gerontologia. Note-se, contudo, que além do cruzamento entre conceitos tecidos nesses campos da ciência, as práticas educativas se comprometem com a inclusão dos saberes (senso comum) das próprias pessoas idosas, ou seja, o que se cruza nas práticas não são apenas conceitos científicos!

Ora, se deve haver uma relação dialética entre teoria e prática, os saberes dos sujeitos idosos acabam por ser incluídos na teorização que decorre das ações nas quais eles estão envolvidos.

Essa construção, apoiada nos princípios freireanos, não se esgota, como vimos, no “para si”, mas, ao contrário, se projeta “para o outro”. Por não perder de vista a dinamicidade que caracteriza tal construção (coletiva e subjetiva) é que se torna um processo educativo libertador (emancipatório) ao longo da vida.

Na pesquisa de campo realizada por Mirabelli (2016), participaram 24 sujeitos inseridos no programa Trabalho Social com Idosos (TSI)⁴, e ela será tomada também como referência neste debate. Para tal, lançamos mão da análise por ela oferecida para um dos casos no qual se deteve e que apresentamos a seguir.

Sra. E (66 anos, divorciada, espírita, professora, aposentada)

“Isso me faz sentir uma velha forte.”

Talvez se possa afirmar que a entrevista com a sra. E tenha sido marcada por três pontos essenciais. O primeiro diz respeito a um diferencial na problematização que envolve o significado dos termos velho e idoso. O segundo refere-se à objetividade para falar sobre o atravessamento da sua vida pelo TSI e seus efeitos positivos. O terceiro tem relação com oportunidades de abertura para construção do conhecimento de si e do outro pela via do diverso globalizado.

Vamos ao primeiro ponto: “Eu me considero uma pessoa velha, mas ativa, me sinto idosa. Me vejo no espelho que, para mim, é sinônimo de velho”. Essa fala é reveladora de muitas coisas. Não se pode negar primeiramente que a sra. E, de algum modo, está lutando para sair da armadilha dicotômica com que os termos velho e idoso são tratados, o que se denuncia no uso da conjunção adversativa “mas”. Interessante que ela se considere, ao mesmo tempo, “velha, mas ativa, me sinto idosa”. É quase como se ela não se sentisse autorizada a dizer que é uma velha ativa. Contudo, com o desenrolar da entrevista, é a suspensão desta dicotomia que se realiza, quando ela se escuta nessa contradição e declara: “Isso me faz sentir uma velha forte”. Velha forte (e não, velha, mas forte). Ora, chegar aí tem um viés emancipatório, libertador da alienação ou das amarras (travas) do discurso hegemônico sobre o que é viver a vida na velhice.

Detendo-se, então, no segundo ponto: o atravessamento da sua vida pelo TSI. Inicia-se pela consideração de que ele está condensado no isso da citação acima já que a sra. E afirma: “Eu dependo do Sesc para ser feliz, porque aqui eu encontro tudo, a arte, o esporte, o bom papo e o teatro que me trouxe muitas alegrias para trabalhar [...] isso me faz sentir realmente uma pessoa com forças, sem fraquezas”. Ela acrescenta

4 Os dados foram coletados em três diferentes unidades do Sesc São Paulo: Bauru, Consolação e Itaquera. Optou-se por estudos de casos múltiplos, de tal modo que cada uma se constituiu como um estudo de caso individual cujos resultados foram cruzados com os das demais unidades.

Artigo 5Educação Permanente na Vidas de Pessoas
Idosas Frequentadoras do Sesc São Paulo

que “[...] as atividades influenciam no meu dia a dia, pois eu me arrumo para sair de casa, [...] abre nossa cabeça, me torno uma pessoa mais forte”. Conclui-se que o impacto das ações socioeducativas da unidade Sesc Consolação é altamente positivo na vida desta senhora, colocando-a num movimento que a fortalece e contagia os que dela se aproximam.

Finalmente, a sra. E tangencia uma discussão importante para a reflexão ao tocar num ponto que traz à luz desdobramentos de encontros que propiciam “o acontecer do outro no planeta”. Ela compartilha a seguinte experiência:

[...] para o futuro eu tenho planos de conhecer a China (chora!). Eu tive uma amizade com um senhor chinês, que eu me aproximei, e vivenciei os conhecimentos orientais, eu gosto muito. Ele teve o filho assassinado aqui no Brasil [...] este senhor visitava o Brasil todos os anos, eu o levava para as escolas, ele não fala português e nem eu inglês, mas a gente se entendia muito bem, foram muitas trocas de experiências. Eu acredito que ainda vou conhecer a China.

Note-se que, surpreendentemente, a troca de experiências não foi barrada pela língua. O encontro com o senhor chinês possibilitou-lhe buscar, na sua própria língua, conhecimentos relativos à cultura oriental.

Levando em conta o que emergiu da fala desta senhora e cruzando-a com a dos demais sujeitos da pesquisa de campo, Mirabelli (2016) concluiu que as entrevistas possibilitaram identificar nas falas dos sujeitos, em todas as unidades: o uso do termo idoso com sentido oposto ao de velho – dicotomia (positivo x negativo); a referência à convivência como favorecedora de melhor qualidade de vida, o que leva ao reconhecimento de que a metodologia de grupo tem, para as pessoas idosas pesquisadas, um efeito estruturante no viver bem a velhice; a remissão do efeito transformador das atividades socioeducativas, ou seja, seu impacto positivo sobre a vida dos sujeitos participantes, com atualização de potencialidades encobertas e consequente fortalecimento subjetivo; de maneira explícita ou implícita, emergiu nas falas dos entrevistados a consciência da incompletude humana quando, de maneira unânime, eles consideraram pertinente afirmar que na velhice não só se aprende como também se ensina; e, finalmente, a remissão a projetos futuros, a aspiração de conhecer outros países.

Mirabelli (2016) observou, ainda, que a referência à conquista de certa liberdade como efeito da educação permanente foi feita por



Com uma escuta sensível e atenta, pode-se verificar as seguintes temáticas: a participação cidadã; a consciência política; o atravessamento da dimensão tecnológica como meio para evoluir; a dimensão de coragem; e a voz do educando no processo educativo.

sujeitos das unidades Consolação e Itaquera. Questões relativas à finitude e à preocupação com a saúde física e mental apareceram com mais vigor nas falas dos sujeitos das unidades Bauru e Itaquera, enquanto o tema da intergeracionalidade ocupou mais as falas de sujeitos das unidades Bauru e Consolação.

Com uma escuta sensível e atenta, pode-se verificar que na unidade Bauru destacaram-se as seguintes temáticas: a participação cidadã; a consciência política; o atravessamento da dimensão tecnológica como meio para evoluir; a percepção de um declínio na saúde e na aparência física; a possibilidade/necessidade de ser ator no tempo real; a dimensão de coragem; e a voz do educando no processo educativo.

Quanto à unidade Consolação, outras questões surgiram: emancipação, criticidade em relação ao discurso hegemônico sobre o viver a vida na velhice, referência ao acontecer do outro no planeta, promoção da ocupação do tempo livre, reflexão sobre as várias faces da velhice, diversidade de experiências, preconceito etário e diálogo como motor de transformação pelos processos educativos.

Por fim, na unidade Itaquera, as falas retrataram a questão do cuidado de idosos fragilizados por outros idosos, a esperança e os sonhos de mudança de condição/posição, a perspectiva de humanização, o trabalho como sinônimo de prisão e opressão e a centralidade da conexão com o mundo para o viver bem a velhice.

Mediante esse cruzamento, concluiu-se que embora existam diferenças de contexto socioeconômico e cultural entre as unidades do Sesc pesquisadas, os pontos coincidentes indicaram que as ações socioeducativas do TSI são avaliadas positivamente pelas pessoas idosas participantes em função da percepção de seu efeito transformador na qualidade de vida. Tendo em vista o conteúdo que mobilizam, também foi possível recolher duas direções principais que contribuíram para o seu aperfeiçoamento: investir na problematização dos termos idoso x velho com o objetivo de suspender o viés dicotômico suscitado pela

Artigo 5Educação Permanente na Vidas de Pessoas
Idosas Frequentadoras do Sesc São Paulo

alienação dos discursos sobre a velhice que circulam socialmente na contemporaneidade e fortalecer o trabalho grupal, radicalizando a perspectiva dialógica no processo educativo.

Embora tal perspectiva não seja propriamente uma novidade no TSI, talvez a contribuição deste artigo seja o de apontar para a necessidade de se inserir na metodologia adotada um espaço que privilegie não apenas a escuta para a fala da pessoa idosa, mas também, e principalmente, para que ela possa escutar-se no que diz. Em outras palavras: o saber intuitivo das pessoas idosas (o que deriva da experiência de envelhecimento), como discutido nas análises das entrevistas, suspendeu a dicotomia positivo x negativo vinculada a essa etapa vital. As contradições presentes nas falas destes sujeitos mostraram que eles se dão conta de que na velhice, como em qualquer outra etapa, positivo e negativo são polos que dinamicamente se imiscuem no viver a vida. O que não se pode perder de vista é que qualquer termo que faça referência ao grupo que se encontra nessa fase deveria condensar essa polaridade fundante.

Quem sabe assim, trazendo à luz esse saber intuitivo, não se possa alcançar de maneira mais eficaz a meta de desmistificar a velhice no seio social. E com um acréscimo: na concretização desta meta, quem ocuparia a posição de educando seria o próprio sujeito velho, ensinando aos demais membros do corpo social que se a vida pode encontrar desequilíbrio (o que faz pender o pêndulo mais para um lado do que para o outro) em qualquer ponto do curso vital, pode também se reequilibrar se encontrar um entorno favorável para tal: o que é verdade também na velhice! O TSI já é tomado por eles como esse suporte. Sem exceção, todos os sujeitos da pesquisa (dos 60 aos 90 anos) testemunharam seu fortalecimento como efeito da participação nas atividades socioeducativas propostas.

Levando em conta as diferenças (mas não divergências) nas falas das(os) idosas(os) das diferentes unidades do Sesc, Mirabelli (2016) concluiu que o TSI tem se constituído com um instrumento de emancipação para tais sujeitos. No Sesc Bauru, alguns dos entrevistados participam do Conselho Municipal e Estadual do Idoso, fato que não comprovamos nas outras unidades. Sem dúvida alguma, é preciso estimular em todas elas a intervenção social mais ampla, tendo em vista a concretização de direitos e, conseqüentemente, a construção de caminhos libertadores da opressão, já que não se devem marginalizar desdobramentos que afetam outros tipos de participação cidadã.

Outra questão importante assinalada por Mirabelli (2016) diz respeito à remissão à tecnologia como ferramenta para que se possa evoluir (não ficar parado no tempo). De fato, ela permite conexões mais amplas. A autora sugeriu, então, a promoção de encontros virtuais entre grupos de pessoas idosas de diferentes partes do planeta, pois permitiriam uma profunda troca de experiências. Saber como vivem velhos(as) no mundo pode produzir transformações no sentido de que experiências bem-sucedidas possam se tornar fatos reais em qualquer lugar do planeta. Com a globalização, estamos mais perto de construir uma forma de conhecimento concreto do mundo tomado como um todo e das particularidades dos lugares, que incluem condições físicas, naturais ou artificiais e condições políticas. Isso poderia ajudar a evitar o risco de cairmos numa espécie de pensamento único. A tomada de consciência da totalidade do ser no mundo seria determinada pelo atravessamento da diversidade de experiências subjetivas. E, assim, problemas locais deixariam de ser enfrentados de maneira isolada ou descontextualizada das influências e determinações mundiais.

Ao realizar-se esta síntese de dados cruzados, Mirabelli (2016) concluiu que as pessoas idosas se envolvem em atividades socioeducativas porque, portadoras de experiências já incorporadas na sua história de vida, precisam, como sujeitos históricos, responder às estruturas sociais do seu tempo e aos desafios de seu contexto vital globalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo articula os conhecimentos construídos nas áreas da gerontologia, educação e serviço social porque – com o reconhecimento de que a educação de pessoa idosas é questão que atravessa esses três campos – reconhece ser necessário que os conceitos centrais de cada uma destas áreas se tornem operadores da leitura dos dados coletados em pesquisa de campo cujo foco de reflexão esteja voltado para tal temática.

Valendo-se da metodologia de estudo de casos múltiplos, Mirabelli (2016) concluiu que o TSI – que assume o compromisso com uma educação libertadora, segundo as pessoas idosas que dele participam – produz um impacto altamente positivo na qualidade de vida. Vale ressaltar algumas expressões que esses sujeitos invocaram para significar a experiência socioeducativa promovida pelo programa Trabalho Social com Idosos do Sesc São Paulo nas unidades Bauru, Consolação e Itaquera: “fortalecimento”, “mudança”, “evolução”, “transformação”, “renascimento”, “liberdade”, “abertura”, “empolgação”, entre outros.

Artigo 5Educação Permanente na Vidas de Pessoas
Idosas Frequentadoras do Sesc São Paulo

Também, a metodologia adotada de ação comunitária ou metodologia de grupo parece mesmo ser a mais adequada para o desenvolvimento de uma proposta educativa assentada no compromisso da politicidade e dialogicidade. Assim, não apenas as pessoas idosas educandas são atravessadas pelos conhecimentos que com elas se compartilham, mas o TSI abre espaço para se deixar atravessar pelos saberes acumulados na experiência de vida desses mesmos sujeitos que, nesta posição, se tornam educadores. Isso torna o terreno fértil para intervenções sociais profícuas, até mesmo no sentido de subverter discursos discriminatórios e preconceituosos sobre a velhice.

Procuramos encaminhar aqui a proposição de que fenômenos complexos exigem a diluição das fronteiras disciplinares para que um novo conhecimento resulte do entrecruzamento crítico e consequente de diferentes saberes, incluindo aí os que não são científicos. Neste artigo, as conclusões e as proposições a que se pode chegar são consequentes do cruzamento de conceitos forjados em diferentes campos da ciência, articulados com os saberes enunciados pelas pessoas idosas participantes do TSI.

Concluimos, finalmente, que as pessoas idosas se envolvem em atividades socioeducativas porque, portadoras de experiências já incorporadas na sua história de vida, precisam, como sujeitos históricos, responder às estruturas sociais do seu tempo e aos desafios de seu contexto vital globalizado.🌐

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola>>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- DOLL, J. Educação e envelhecimento: fundamentos e perspectivas. In: *Revista A Terceira Idade*. v. 19, n. 43, out. 2008. São Paulo: Sesc, p. 7-26.
- FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008, p. 17-28.
- _____. *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2a. ed., São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.
- _____. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- _____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- _____. Papel da educação na humanização. In: *Revista da Faeeba*. Salvador, Faculdade de Educação da Bahia, ano 6, n. 7, jan.-jun. 1997, p. 9-32. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/158258396/FREIRE-P-Papel-da-educacao-na-humanizacao-rtf>. Acesso em: 31 out. 2019.
- _____. *Política e educação: ensaios*. 5 ed., v. 23. São Paulo: Cortez, 2001.
- IAMAMOTO, M. V. *Estratégias em serviço social*. São Paulo: Cortez, 2005.
- JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LODOVICI, F. M. M.; SILVEIRA, N. D. R. Interdisciplinariedade: desafios na construção do conhecimento gerontológico. In: *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*. Porto Alegre (RS), 16(2), p. 291-306. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/24814/15444>>. Acesso em: 2 fev. 2012.
- MERCADANTE, E.; BRANDÃO, V. M. A. T. *Envelhecimento ou longevidade?* São Paulo: Paulus, 2009.
- MIRABELLI, S. C. S. *Ações socioeducativas na educação permanente: o Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc SP: diálogo com o contexto globalizado e impacto na vida dos sujeitos participantes*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.
- MIRANDA, D. S. O Sesc e o seu papel na cultura. Disponível em: <www.blogacesso.com.br/?p=30>. Acesso em: 19 jul. 2015.
- MORAES, M. C. Uma educação para a era das relações. In: *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papyrus, 1997, p. 209-228.
- NEVES, S. A. H. Velhice: complexa idade: o paradigma da complexidade e sua importância para o campo da gerontologia. 2013, 81f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.
- SANTOS, A. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 37, 2008, p. 71-83. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/07.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2015.
- SESC. *O século da terceira idade*. São Paulo: Sesc, 2003.
- STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. *Dicionário Paulo Freire*. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.